

Biblioteca, luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia brasileira: algumas considerações

Jonathas Luiz Carvalho Silva
Roosevelt Lins Silva

RESUMO

Aborda o processo de identificação e atuação das bibliotecas considerando o contexto da luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia com relação a estes dois fatores. Como condição problematizadora do presente trabalho tem-se as seguintes perguntas: como a biblioteca tem atuado em seu contexto político, social, educativo, cultural, pedagógico e administrativo? Como a Biblioteconomia tem se posicionado diante da atuação das bibliotecas e do conflito da luta de classes? Analisa a biblioteca estabelecendo suas condições funcionais e institucionais, suas divisões em público e privada, o procedimento de como identificar e caracterizar efetivamente uma biblioteca. Avalia o comportamento da biblioteca no que se refere a luta de classes, mostrando que a biblioteca tem servido como um aparelho ideológico do Estado (AIE) reproduzindo informações da ideologia dominante relegando a maioria da população a um plano inferior. Analisa ainda o posicionamento da Biblioteconomia brasileira considerando seus três principais expoentes: o curso de nível superior, o profissional e os órgãos de classes considerando as possibilidades de projeções extensionistas da formação acadêmica, de uma mobilização política dos órgãos de classe, visando estimular o profissional a desenvolver uma atividade social fundamentada no processo de atrair não-usuários e inseri-los no espaço da biblioteca através da dinamização do acervo com atividades diversas que estão para além da utilização apenas do livro.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca. Luta de classes. Biblioteconomia brasileira. Bibliotecário. Informação.

1 Introdução: reflexões preliminares

A biblioteca é um espaço milenar de informações que passou por diversas transformações em seu transcurso histórico. Essa realidade mostra a necessidade de uma discussão sobre o comportamento da biblioteca no contexto da luta de classes observando o posicionamento da Biblioteconomia nesse processo. Por isso, cabe problematizar essa discussão com a seguinte pergunta: como a biblioteca tem atuado em seu contexto político, social, educativo, cultural, pedagógico e administrativo? Qual o posicionamento da Biblioteconomia no que tange à díade biblioteca e luta de classes? Essas perguntas precisam de discussões a fim de promover um discurso consistente, mas com uma aplicabilidade prática coerente, pois como dizia Marx (1978) a verdade se configura em uma questão prática e não teórica.

A teoria da luta de classes foi desenvolvida por Karl Marx atestando uma forte dicotomia de uma classe minoritária que domina e oprime e uma classe majoritária que é dominada e oprimida. Em outras palavras, é o que o filósofo denomina de conflito das forças produtivas X as relações de produção, sendo o primeiro relativo à burguesia e o segundo a classe proletária, tendo os trabalhadores a noção de organizar seus interesses e transformá-los em interesses coletivos, com vistas a assumir o controle das forças produtivas, abolindo a desigualdade do mercado de trabalho (MARX, 1989).

2 A Identificação da biblioteca: seu aparato funcional e institucional

A biblioteca é um espaço repleto de alternativas de contribuições para a sociedade. Compreender a biblioteca nos dias de hoje, especialmente no que se refere à explosão informacional, além da vertiginosa transformação tecnológica e sua influência direta na sociedade não é um desafio fácil. Mas isto não quer dizer que seja uma tarefa impossível. A biblioteca é um instrumento de grande valor teórico-prático, mas precisa ser identificada em sua essência, tanto em seu caráter funcional, como institucional para se configurar efetivamente como útil à sociedade. Mostrando ser essa identificação uma tarefa árdua Milanesi (1983, p. 12) afirma que “em muitos municípios brasileiros não há nada que possa ser identificado com biblioteca”. Essa afirmação leva a crer que não é qualquer espaço amontoado de livros e estantes que é considerado uma biblioteca.

Lemos (2005, p. 102) acredita que a biblioteca em geral define-se “como um acervo de materiais impressos (livros, periódicos, cartazes, mapas, etc.), ou não-impressos, como filmes cinematográficos, fotografias, fitas sonoras, discos, microformas, cederrons, devedês, programas de computador, etc. organizados

e mantidos para leitura, visualização e consulta”.

A percepção do autor demonstra que a biblioteca deve trabalhar com diferentes suportes, organizá-los e disponibilizá-los a um determinado público. Em outras palavras, entende-se, de modo geral por biblioteca um espaço de cunho físico ou virtual que promove as noções de organização, disseminação e acesso à informação através de instrumentos tecnológicos diversos, seja manual, seja eletrônico.

Desta forma, percebe-se o primeiro procedimento identificador de uma biblioteca: a aplicação da tríade organização – disseminação – acesso à informação. Obviamente que a concretização dessa trilogia varia de acordo tanto com cada tipo de biblioteca, como com cada tipo de comunidade, haja vista que possuem suas peculiaridades.

O significado de organização empreende a criação de mecanismos estruturais que possibilitem o funcionamento básico da biblioteca. De acordo com Maciel e Mendonça (2006, p. 11) “a organização inclui todos os estudos e atividades implícitas ao processo de análise, planejamento e operacionalização, tanto no todo – toda a biblioteca – como em parte”. Isto quer dizer que organizacionalmente a biblioteca compreende uma dualidade macro/micro. O primeiro fator da dualidade refere-se à análise e planejamento de como irá atuar a biblioteca no seio de comunidade, enquanto o segundo avalia ações de cunho executivo, como a maneira de classificação a ser utilizada, assim como tarefas relacionadas ao atendimento e a sinalização interna externa do espaço.

Já disseminação significa a maneira como a biblioteca está divulgando seus serviços, podendo ser para o público em geral, ou se está valorizando usuários e/ou grupos específicos que necessitam de determinados conteúdos e materiais¹. E o acesso implica na noção aplicativa dos aspectos organizacionais e disseminadores que a biblioteca está desenvolvendo. De outra forma, o acesso é consequência da estratégia organizacional e da disseminação oferecida pela biblioteca.

O segundo fator identificador de uma biblioteca está na sua condição de registro de informação. Milanesi (1983, p. 16) questiona que “a história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem”.

A biblioteca é um espaço que conserva materiais seculares. Quando ocorriam conflitos militares entre as nações, um dos primeiros locais afetados era a biblioteca, haja vista que possuía uma riqueza de detalhes informativos que poderiam comprometer a imagem da nação, ou mesmo trazer informações relevantes que o governo considerasse inconveniente.

No Brasil, quando houve a decadência dos conventos, es-

■
¹ Luhn (1961 apud BAX et al 2004) afirma que o DSI é um serviço apresentado dentro de uma organização que se refere à canalização de novos itens de informação, vindos de quaisquer fontes para aqueles setores da organização em que existe maior possibilidade de utilização por parte do usuário. O interessante é que a DSI possui uma peculiaridade diante de outros serviços de alerta: a sua constante renovação de acordo com as necessidades dos usuários.

pecialmente dos Jesuítas, franciscanos, beneditinos e carmelitas através dos conflitos com a corte real portuguesa é possível verificar que grande parte do acervo foi perdido por causa da umidade e dos insetos. Outro fator preponderante para a destruição do contexto majoritário do acervo das bibliotecas conventuais foi a falta de pessoal para cuidar do acervo. (MORAES, 2006).

Porém, para estabelecer seu registro histórico e a preservação física dos documentos, os profissionais precisaram estudar e desenvolver diversas técnicas de organização e restauração/conservação de acordo com as necessidades da sociedade do período histórico vivenciado. Na medida da produção do registro informativo, o homem engendrou sistemas - tão rudimentares quanto à informação registrada - para não dispersá-la. Era preciso reter a informação sobre algum suporte concreto; conseqüentemente tornou-se imprescindível a preservação desses suportes - os documentos - bem como a organização deles. Quanto mais documentos produzidos, maior a exigência do controle. (MILANESI, 1983).

Em termos mais gerais, existe uma série de fatores identificadores de uma biblioteca visando unir o seu papel funcional e institucional. Conforme relata Lemos (2005, p. 101):

Nem toda coleção de livros é uma biblioteca, do mesmo modo que nem toda biblioteca é apenas uma coleção de livros. Para haver uma biblioteca, no sentido de instituição social, é preciso que haja três pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização; uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca.

O autor menciona praticamente toda percepção que identifica a existência de uma biblioteca. Ele inicia falando sobre a questão de que uma biblioteca não é concebida apenas por uma coleção de livros. Este é um ponto interessante de identificação, pois não mostra explicitamente o que significa uma biblioteca, mas o que não significa. Isso dá margem de interpretação para analisar que não é qualquer espaço com livros e estantes que deve ser considerado biblioteca, ao contrário do que grande parte da sociedade e até de pesquisadores e bibliotecários pensam.

O primeiro aspecto mencionado pelo autor para existência de uma biblioteca é a sua intencionalidade política e social. Toda biblioteca verifica uma conduta de ação que se vislumbra em práticas políticas e sociais com interesses. Para entender melhor essa ação é preciso primeiro dividir as bibliotecas em: pública e privada. A primeira pode ser entendida numa perspectiva macro em que normalmente se estabelece a partir de uma política de ação social imprimindo a ideologia do estado ou a ideologia da

propriedade privada que normalmente se configuram como ideologias dominantes. A segunda percebida numa tessitura micro verifica sua ação a partir de um público específico com fins de suprimento informacional.

A concepção macro reside no fato de que o Estado funciona como aparelho ideológico imprimindo suas políticas de ação nas bibliotecas através de programas federais, estaduais e municipais que agem, de certo modo, de forma integrada. Esse contexto macro pode ser dividido em três níveis: nacional, quando a política parte do Governo Federal (casos do PNBE e do PNLL)²; estadual, quando a política é feita pelo governo do estado e/ou municipal, quando é instituída pelas prefeituras. Isto quer dizer que alguns programas são desenvolvidos de forma integrada pelos três governos, enquanto existem os projetos desenvolvidos apenas pelo estado ou pelo município. É uma configuração hierárquica do estado.

O segundo aspecto mencionado por Briquet de Lemos é a composição do acervo e suas condições de renovação. Identificar uma biblioteca perpassa diretamente pela concepção de sua política de desenvolvimento de coleções, fato não ocorrente em muitas bibliotecas no Brasil, seja pública, escolar, universitária e/ou comunitárias/populares.

Assim, a biblioteca deve estabelecer uma política de desenvolvimento de coleções como forma de buscar adequar seu acervo as necessidades do usuário. Como diria Mathew Battles (2003, p. 15) “não importa quantos livros você tem, mas quão bons eles são”. Pode-se adaptar essa afirmação dizendo que não importa quanto conteúdo (em diversos suportes) você tem, mas quão bons para o público eles são.

Já o processo de organização e sistematização envolve o fator já mencionado neste trabalho que inclui a idéia de atuação da biblioteca a partir da trilogia organização – disseminação – acesso em diversos suportes em virtude de que o conteúdo da sociedade pós-moderna encontra-se distribuído em diversos instrumentos, como livros, periódicos, revistas, entre outros, tanto manual, como eletrônico.

Em seguida, o fator comunidade de usuários se configura como condição primordial para a existência de uma biblioteca. Para uma efetiva atuação da biblioteca é preciso que esteja em sintonia com as comunidades que estão inseridas em suas ações. Mas antes de inserir uma biblioteca num determinado local é preciso estudar aquela comunidade, perceber suas carências e qualidades, de modo a buscar suprir e aprimorar informacionalmente a realidade da comunidade escolhida. De acordo com Figueiredo (1994) os estudos de comunidade são fundamentais para conhecer as suas características, bem como para que a biblioteca possa pro-

■
² Plano Nacional do Livro e da Leitura instituído em 2006 pelo governo Lula que contempla um discurso em diversos contextos da educação e da escola, incluindo a biblioteca.

ver serviços efetivos ao seu público e também na administração desta, pois, como qualquer organização, a biblioteca existe para a realização de funções específicas que foram estabelecidas antes e no início de seu funcionamento que justificam a sua criação. Logicamente que esses motivos podem se tornar supérfluos no desenrolar das atividades da biblioteca, mas devem ser bem estruturados para atrair a comunidade. Em outras palavras, um estudo de comunidade é pertinente para identificar a função da biblioteca perante o seu público ou, como diz Briquet de Lemos, para estabelecer a sua comunidade de usuários.

E, por fim, o espaço físico em que a biblioteca deve ser estruturada. Evidentemente que toda e qualquer biblioteca deve funcionar num local aprazível, ventilado que conclame o usuário e ao mesmo tempo o local precisa ter estrutura para preservar bem o acervo composto. Entende-se que todos os critérios mencionados e discutidos neste trabalho identificam o funcionamento e atuação política, social, educativa e cultural, mas que obviamente existem outros diversos fatores contidos dentro dos que foram debatidos que tornam a biblioteca com um significado mais inteligível e concreto. Porém, compreender um significado mais inteligível e concreto de uma biblioteca perpassa pela noção de compreender a quem e como esta instituição está servindo e que reprodução de informações está situando no seio da sociedade.

3 A Luta de classes em cena: o comportamento político e social da biblioteca

Falar em dicotomias comumente é algo polêmico e que demanda discussões e opiniões diversas. Porém, nem sempre os contrários buscam confrontações diretas, uma vez que podem promover desastres. Quando se fala em questões políticas, econômicas sociais, culturais e ideológicas a coisa muda de figura, haja vista que envolve variantes ontológicas como pensamento, idéia e ação humana, tanto individual como coletiva atestando a noção de que quem apresenta o poder quer mantê-lo e quem está sendo dominado quer um dia chegar a ser detentor do poder político-econômico. É justamente de encontro a essa idéia que Karl Marx (1978) cria a teoria da luta de classes em que existe de um lado a burguesia comumente representada pelo estado e do outro a classe laboriosa. Em outras palavras é o que pode ser denominado de relação arbitrária dominante/dominado. Para o autor em questão o proletário precisa adquirir o que chama de consciência de classe que se configura na consciência dos proletários como uma classe unida e firme em seus propósitos, visando transformar a realidade do sistema capitalista em uma sociedade sem classes³.

No que se refere ao grupo dominante ocorre à perspectiva de

³ Vale ressaltar que o termo consciência de classe surge no período da Revolução Industrial que se iniciou no século XVIII e se expandiu para o restante da Europa e Estados Unidos no século XIX.

manutenção do poder com estratégias variadas que se adequam de acordo com o desenrolar do sistema capitalista e a reação da classe trabalhadora. Os dois elementos mais trabalhados pela classe dominante estão atrelados a duas condições básicas: aparelhos ideológicos e aparelhos repressivos.

Com relação aos aparelhos ideológicos do Estado (AIE) para Althusser (1974, p. 69) “são certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. Isto quer dizer que os aparelhos ideológicos são desenvolvidos de modo constante na sociedade global pelo Estado através da educação, especialmente a escola, da mídia, da música e de outros instrumentos. Logicamente que neste contexto existem as exceções, visto que outros meios alternativos insurgem como um manifesto contrário ao aparelhamento ideológico. Quanto aos aparelhos repressivos a condição é mais complicada. Normalmente é utilizado quando os “instrumentos de aparelhagens ideológicas” não estão conseguindo manipular a sociedade e são estabelecidas medidas de censura, seja na música, seja na mídia, seja na educação, seja na liberdade de expressão.

No período colonial as bibliotecas basicamente eram divididas em dois aspectos: religiosas e particulares, sendo ambas de acesso restrito, especialmente pelo fato de a ampla maioria da população sequer sabia ler. Segundo o padre Serafim Leite (1945, v.7, p. 144), grande pesquisador do período colonial brasileiro, especialmente das Companhias de Jesus instaladas no Brasil, uma marca importante para educação deste período é que “A Igreja foi à única educadora do Brasil até o fim do século XVIII, representadas por todas as organizações religiosas do clero secular e do clero regular, que possuíam casas no Brasil”.

As bibliotecas do período colonial, fossem eclesiásticas, fossem particulares basicamente serviam para atender os anseios informacionais da elite religiosa que se instalava no Brasil e de jovens brasileiros que iam estudar na Europa, principalmente em Portugal, e regressavam a nação com o intuito de exercerem sua profissão e aprimorar os seus estudos. Porém a censura existia, sendo imposta principalmente aos homens ricos, que buscavam a aquisição de livros com idéias revolucionárias que confrontassem a ideologia da Coroa Portuguesa. Essa mesma censura dificultou o encontro de registros informacionais nos dias de hoje acerca dos livros e das bibliotecas e de uma maneira mais ampla do registro do período colonial.

Com a independência do Brasil, em 1822, um tipo de biblioteca chama a atenção: a Biblioteca Nacional (BN), antes chamada Biblioteca Real, passou a desenvolver uma ação mais autônoma, porém, ainda de forma restrita no que tange ao setor administrativo. Em suas primeiras décadas de funcionamento

(século XIX e início do século XX) é inegável que a BN deu um salto, mas o máximo que conseguiu delinear foram novas formas de organização, especialmente através de Ramiz Galvão e Peregrino da Silva.

No final do século XIX surgem ainda algumas bibliotecas escolares, tendo como destaque a biblioteca escolar George Alexandre, do Mackenzie College (1886). Segundo Almeida e Carvalho (1996, p. 48), o Mackenzie College “Incorpora ao ensino paulista idéias revolucionárias, que o diferenciava dos outros tradicionais colégios, tais como: Dom Bosco, São José e São Luís: liberdade de ensino religioso, exclusão de “toda e qualquer forma de discriminação racial, política”. Porém essa biblioteca se destaca como uma exceção diante das demais. Isso significa dizer que uma condição essencial da biblioteca nesse período ainda se estabelecia que era o acesso a um público restrito. A preocupação era muito mais em proceder formas de organização para um público mais restrito baseado na elite econômico-política e religiosa do período.

Nos últimos anos, o papel das bibliotecas sofreu diversas transformações, especialmente com o a criação dos cursos de Biblioteconomia que se espalharam pelo Brasil – aperfeiçoando as formas de organização – pelo advento de várias bibliotecas e com uma gradativa alfabetização da sociedade brasileira, o que poderia possibilitar maior acesso.

Almeida Júnior (1997, p. 66) fala sobre a função que a biblioteca tem exercido no contexto da luta de classes:

A biblioteca tende a veicular informações imbuídas de conceitos contrários às propostas sócio-político-econômicas e culturais da maioria da população. Refletindo posturas e interesses da classe detentora do poder, a biblioteca transforma-se num instrumento de dominação. As informações que normalmente são veiculadas pela biblioteca, apenas são decodificadas e absorvidas pelos que possuem um mínimo de “iniciação”, um mínimo de “conhecimentos”, um mínimo, porque não dizer de “informações”. A complexidade das informações está proporcionalmente relacionada, para seu entendimento, ao acervo de conhecimento de cada usuário. A biblioteca, ao se preocupar com o usuário “culto”, amplia o fosso da “distribuição de informações” nada para quem tem e muito para quem já tem.

Percebe-se que a história das bibliotecas no Brasil baseia-se numa tonalidade marcadamente voltada para uma elite, enquanto a ampla maioria fica relegada a um plano inferior. Por isso, em termos de resultados, a concepção das bibliotecas tem se configurado em um espaço distante da maioria que realmente precisa de informações e assistência.

Pode-se notificar que a biblioteca brasileira tem atuado como um aparelho ideológico do Estado reproduzindo as idéias da ideologia dominante. A grande maioria da população, por não ver traduzidos seus anseios cotidianos na biblioteca, não a visualiza como uma instituição socialmente útil. Ora, qual a vantagem

de procurar soluções em um local em que as respostas não serão fornecidas ou simplesmente serão fundamentadas em conceitos contrários? (ALMEIDA JÚNIOR, 1997).

Por isso, faz-se necessário discutir a importância da Biblioteconomia, como área do conhecimento, no contexto da luta de classes.

4 A Biblioteconomia brasileira e a biblioteca: a necessidade de uma postura político-social mais atuante no contexto da luta de classes

A Biblioteconomia nasce de uma tendência agregada das áreas de Sociologia e Educação que visava fundamentar uma área do conhecimento humanístico-social no processo de atuação das bibliotecas. O posicionamento da Biblioteconomia com relação à biblioteca no contexto da luta de classes perpassa por três critérios: formação acadêmica (curso de nível superior); profissional e os órgãos de classe, sendo que os dois primeiros merecem uma análise conjunta.

No que se refere à formação acadêmica, vale destacar a divisão concebida por Sebastião Souza (1987) que atribui três fases: a primeira vai de 1911-1930 (tendência humanista sob a liderança da Biblioteca Nacional); a segunda vai de 1929-1970 (caracterizada pelo tecnicismo americano); e a terceira vai de 1970-1987 (caracterização nacional da categoria bibliotecária e do seu despertar para a realidade nacional).

Observa-se que nas últimas décadas, a Biblioteconomia passou por uma grande reformulação em seu discurso e na sua formação acadêmica, procurando sair um pouco do tecnicismo norte-americano e adequar-se a novas perspectivas de mercado relacionada à utilização das tecnologias como suporte em suas atividades profissionais. Diante dessa mudança, a biblioteca é vislumbrada apenas como um meio de atuação profissional diante de outras diversas potencialidades mercadológicas.

Pode-se identificar como vantagens, o fato de uma nova proposição de mercado e de novas alternativas de trabalho para o bibliotecário que, no discurso, deve passar a se posicionar de forma dinâmica, ativa e variada em sua atuação. Para isso, tem que dominar os diversos suportes tecnológicos como o computador, a Internet e os sistemas de informação elaborados para organização de centros de informação, como bibliotecas, arquivos, entre outros, para que possa efetivamente atuar para além da biblioteca. Como desvantagem, se pode atestar certo esquecimento no que tange ao potencial de atuação social, política, educativo e cultural das bibliotecas.

Vale ressaltar que a formação curricular em Biblioteconomia age, em seu contexto histórico, como instrumento crucial de va-

lorização das questões administrativas e técnicas em detrimento das potencialidades sociais, o que indica uma Biblioteconomia despolitizada em seu processo de formação. Souza (1993) pondera que o currículo de Biblioteconomia foi implantado no Brasil apenas pelo seu viés tecnicista, sem uma teorização de fundo social que provocasse sua adaptação e transformação, adequando-o à sociedade brasileira, nas suas diversas frentes (econômica, social, administrativa, política, educacional etc.).

Destarte, entende-se ser necessária uma readequação no discurso da área enfatizando a união do potencial tecnológico e social. A tecnologia vem como um somatório de possibilidades mercadológicas que devem atrelar-se as práticas mercadológicas que a Biblioteconomia apresenta.

Em seu livro *Miséria da Biblioteca Escolar*, Waldeck da Silva (1995) ressalta que as tecnologias são de fundamental importância para a Biblioteconomia e atuação do bibliotecário. Todavia, pergunta: há alguma coisa contra as tecnologias? Obviamente que não, pois elas vêm colaborar com a área. Mas por que motivo não aplicar esse arsenal tecnológico nas bibliotecas escolares que possuem um amplo mercado em potencial para o bibliotecário? Será que as tecnologias servem apenas para as bibliotecas que possuem investimentos financeiros mais altos? Os bibliotecários e os autores da área biblioteconômica conhecem os índices de analfabetismo e de fracasso escolar deste País?

Pode-se afirmar que a biblioteca brasileira precisa da aplicabilidade dos recursos tecnológicos, o que poderia se configurar em uma prática promissora para o bibliotecário. Dessa maneira, parece que a formação acadêmica em Biblioteconomia e Ciência da Informação tem servido apenas a um setor minoritário nesse processo de luta de classes. E como procurar modificar essa realidade? Primeiramente é preciso reconhecer a idéia de Milanesi (2002, p. 17):

Na última década do século XX, um rumor forte deu conta do fim do próximo livro, da biblioteca e, em consequência do bibliotecário. Não haveria mais lugar para ele numa sociedade em que o conhecimento passou a ser sinônimo de poder e a informação foi alçada à esfera das questões estratégicas de empresas e governos. A partir desse momento de perplexidade e confusão, esses profissionais e as escolas que os formam saíram à procura da identidade, senão perdida, pelo menos embaçada. E se havia dúvida sobre o perfil do profissional é porque a própria biblioteca estava em transe.

As transformações que a Biblioteconomia precisa passar devem estar focadas na satisfação das necessidades da sociedade. Um campo do conhecimento sem utilidade social e tecnológica de forma concatenada provavelmente não será útil para o mercado. Enquanto a aplicação da área estiver dimensionada apenas no suporte livro e, principalmente, pensando apenas numa elite

econômica e intelectual, essa ação pedagógica dificilmente será transformada. E como transformar essa ação pedagógica?

Primeiramente, pensar na gama de não-usuários que podem ser agregados em bibliotecas públicas e escolares. Em segundo lugar é preciso que o bibliotecário saiba potencializar as possibilidades de dinamização do acervo, visando adequá-lo às necessidades da comunidade. Basicamente a instituição de um espaço para o teatro, o cinema, a música, palestras, seminários, cursos de capacitação e serviços de informação utilitária seriam atrativos para aproximar a maioria que está distante da biblioteca. Porém essas ações necessitam do emprego do estudo de usuários, pois esses estudos podem verificar necessidades de informação específicas, bem como a ampliação do acesso à informação a sociedade. Almeida Júnior (1997) afirma que a biblioteca precisa estimular atividades de lazer, entretenimento e formação educativa e moral, algo que é privilégio de poucos, pois a falta desses estímulos cria na comunidade uma aversão e um medo da biblioteca.

Nice Figueiredo (1987 p. 75) afirma que uma solução para trazer novos indivíduos às bibliotecas ampliando seu processo de atuação consiste na realização de:

- a) um estudo de usos/usuários definindo hábitos, motivações, necessidades, percepções e atitudes com relação às suas necessidades e aos serviços/produtos existentes;
- b) a evolução dos recursos informativos existentes para atender às demandas de informação;
- c) uma análise do aspecto físico e da disposição geral da coleção/serviço, para acondicioná-lo às necessidades e prioridades que requeira a difusão da informação;
- d) atualização permanente do pessoal, treinando-o na prestação de serviços de referência/informação e preparação dos instrumentos de difusão da informação;
- e) adequação do usuário para um uso eficiente dos recursos informativos disponíveis em sua área de atuação;
- f) uso do marketing e promoção dos serviços/produtos através de guias, folhetos informativos, contatos, comunicação, campanhas etc.

Aferindo que a biblioteca brasileira precisa passar por um processo de “reidentificação” político-social é preciso inserir um terceiro instrumento de utilidade para promoção de uma nova ação da biblioteca: os órgãos de classe, tais como: Conselhos, Associações e Sindicatos. Esses órgãos devem imprimir uma luta política considerando as necessidades informacionais da população. O que isso significa? Simplesmente que as bibliotecas devem propor uma nova forma de atuação política e pedagógica, sendo a Biblioteconomia precursora deste movimento.

O movimento associativo e sindical bibliotecário não despertou de fato uma luta política em favor dos interesses da sociedade. Moraes, Silva e Silva Neto (2009, p. 57) consideram que:

O início da organização sindical bibliotecária no Brasil dá-se quase concomitantemente com a entrada do neoliberalismo no cenário político, fato que promove a adequação do bibliotecário aos padrões ideológicos neoliberais, confirmando a visão de uma Biblioteconomia reprodutora da ideologia dominante, dos valores daqueles que detêm o poder. É preciso oferecer, contudo, novas marcas para a Biblioteconomia, como ações de cunho coletivo, desenvolvimento de projetos que satisfaçam as necessidades da sociedade e tornem essa área do conhecimento e da formação profissional mais reconhecida e legitimada perante as demandas contemporâneas.

Essa política de mobilização associativa e sindical pode ser um indício da formação de uma consciência de classe na Biblioteconomia, visando suprir algumas necessidades informacionais da sociedade. Como afirma Freire (2005) a organização coletiva, oposta a manipulação, leva a massa a pensar ganhando consciência de classe que gera a procura incessante pela libertação.

Vale ressaltar que esses projetos podem partir de diversas frentes: a utilização de uma extensão biblioteconômica voltada para as práticas sociais, principalmente através de ações nas bibliotecas públicas, escolares e comunitárias/populares. Através dos órgãos de classe da Biblioteconomia que devem desenvolver sua mobilização política através de propostas que mostrem ao Estado a autonomia e coletividade da área. E através do profissional, que através dos órgãos de classe poderão ter mais liberdade e autonomia para mostrar seu potencial.

Como argumenta Almeida Júnior (1995, p. 10) “o bibliotecário precisa agir de uma maneira mais revolucionária, dado que este tem sido considerado como sendo passivo, guardião do passado, ocioso, inútil, sem função social, funcionário público, dentre outras atribuições”.

5 Considerações finais

Diante da discussão que este trabalho procurou promover, podem ser inferidos alguns resultados. Pode-se inferir que a biblioteca, no contexto da luta de classes, tem atuado como um aparelho ideológico do Estado (AIE) reproduzindo as idéias de uma elite, de uma minoria populacional relegando a um plano inferior o contexto majoritário da população.

É preciso reconhecer que a luta de classes como um fenômeno historicamente materializado em ações econômicas, políticas e sociais de dominação por parte da elite tem ocasionado uma profunda desigualdade social, sendo perceptível que a biblioteca, em sua maioria, tem apenas composto ações para manutenção dessa realidade. É possível considerar que a atuação política, social, educativa, cultural, pedagógica e administrativa da biblioteca tem

ponderado a consagração da ideologia dominante.

Torna-se preciso verificar o desenvolvimento de projetos, seja da prática extensionista da formação acadêmica do curso de Biblioteconomia, tendo como objetos principais as bibliotecas escolares, públicas e comunitárias/populares conciliando o discurso da tecnologia com a ação social, seja dos órgãos de classe, com vista a estimular a ação e projeção profissional.

No que tange à ação profissional, faz-se necessário um processo de dinamização do acervo, permitindo que o bibliotecário mostre ao público que a biblioteca não trabalha apenas com o suporte livro e que possui uma ampla função pedagógica auxiliando as atividades cotidianas da população, através do teatro, da música, do cinema, de palestras, cursos de capacitação, pesquisa escolar, dentre outros fatores não menos importantes.

Finalmente, espera-se que este trabalho possa contribuir e alavancar as discussões em torno da função política, social, educativa, cultural, pedagógica e administrativa da biblioteca, mostrando que esse espaço deve ser construído com autonomia e atestando a observância da satisfação de necessidades da maioria da população.

Library, and the fight for class placement of librarianship Brazil: some considerations

ABSTRACT

Addresses the identification process and performance of libraries considering the context of class struggle and the positioning of librarianship in relation to these two factors. As a condition of this work is problematical, the following questions: how the library has worked in their political, social, educational, cultural, educational and administrative? As the Library has been positioned on the performance of libraries and the conflict of class struggle? Analyzes the library on their own terms functional and institutional, its divisions in public and private, the procedure to identify and characterize a library effectively. Evaluates the behavior of the library regarding the class struggle, showing that the library has served as an ideological state apparatus (IEA) by reproducing information from the dominant ideology relegating the majority of the population to a lower plane. It also analyzes the positioning of librarianship Brazilian considering his three main exponents: the upper-level course, the professional classes and the organs of considering the possibility of extension projections of academic, political mobilization of the organs of class, to stimulate the professional develop a social activity based on the process of attracting non-users and put them in the library space by streamlining the collection with diverse activities that are beyond the use only of the book.

KEYWORDS: Library. Class struggle. Brazilian Librarianship. Librarian. Information.

Biblioteca, la lucha de clases y el posicionamiento de la biblioteconomía en Brasil: algunas consideraciones

RESUMEN

Aborda el proceso de identificación y el rendimiento de las bibliotecas teniendo en cuenta el contexto de la lucha de clases y el posicionamiento de la biblioteconomía en relación con estos dos factores. Como condición de este trabajo es problemática, las siguientes preguntas: ¿cómo la biblioteca se ha trabajado en su desarrollo político, social, educativo, cultural, educativo y administrativo? En la Biblioteca se ha posicionado en el rendimiento de las bibliotecas y el conflicto de la lucha de clases? Analiza la biblioteca en sus propios términos funcionales e institucionales, sus divisiones en público y privado, el procedimiento para identificar y caracterizar una biblioteca con eficacia. Evalúa el comportamiento de la biblioteca en relación con la lucha de clases, demostrando que la biblioteca ha servido como un aparato ideológico del Estado (AIE) mediante la reproducción de información de la ideología dominante relegando a la mayoría de la población a un plano inferior. Se analiza también el posicionamiento de la biblioteconomía brasileña considerando sus tres principales exponentes: el curso de nivel superior, las clases profesionales y los órganos de considerar la posibilidad de proyecciones de la extensión de la movilización de académicos, políticos de los órganos de clase, para estimular el profesional desarrollar una actividad social basada en el proceso de atraer a los no usuarios y los puso en el espacio de la biblioteca mediante la racionalización de la colección con diversas actividades que van más allá de la simple acción sobre el libro.

PALABRAS CLAVE: Biblioteca. Lucha de clases. Biblioteconomía Brasileña. Bibliotecario. Información.

Referências

ALMEIDA, Beatriz, CARVALHO, Patrícia. **As Centenárias e históricas escolas de São Paulo**. Revista SIOEST, São Paulo, v.22, n.187, p. 44-54, nov, 1996.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário**. São Paulo: APB, 1995. (Ensaio APB, n. 15).

_____. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Pólis, APB, 1997.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Ed. Presença, 1974.

BATTLES, Mathew. **A Conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editoria Planeta do Brasil, 2003.

BAX, M. P. et al. Sistema Automático de Disseminação Seletiva. In: IFLA M&M, 2004 São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, USP, 2004. Disponível em: <http://www.fernandoparreiras.com.br/publicações/dsi_ifla.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2009.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. 287p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994. 154p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. V. 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

LEMONS, Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete;

CALDEIRA, Paulo da Terra. (orgs.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

MACIEL, Costa Alba; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

MARX, Karl. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. Ad Feuerbach. In: MARX. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002. 116p.

MORAES, Marielle Barros de; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; SILVA NETO, Casemiro. Um pouco da história do sindicalismo brasileiro e a organização sindical do bibliotecário. **Universidade e Sociedade**, Distrito Federal, n. 43, jan. 2009.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil Colonial**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. 118p.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Ensino de Biblioteconomia no Brasil: o modelo norte-americano. **Inf. Soc: Est, João Pessoa**, v.3, n.1, p.21-26, 1993.

SOUZA, Sebastião de. **Dimensões atuais da Biblioteconomia no Brasil**: um estudo através de suas tendências no Brasil. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas: Universidade Federal da Paraíba, 1987.

Jonathas Carvalho

*Mestrando em Ciência da Informação pela
Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
Professor do curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri
(UFC/Cariri).
E-mail: jcarvalho@cariri.ufc.br*

Roosevelt Lins

*Mestre em Ciências da Computação pela
Universidade Federal do Maranhão (UFMA).
Professor do Departamento de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Maranhão (UFMA).
E-mail: contato@roosevelt.com*

Recebido em: 31/08/2010

Aceito: 19/11/2010